

*Leas, Lobas e Seus Filhotes: A
Maternidade nas Crônicas de Gelo e
Fogo sob a ótica da Psicanálise*

Lionesses, Wolves and Their Puppies: The Maternity in *A
Song of Ice and Fire* under the Psychoanalysis optics

Maria Luiza de Souza Medeiros¹; Isabela Lemos Arteiro²

Resumo: A psicanálise vem contribuindo para um estudo aprofundado em relação às condições de tratamento e à problematização referentes ao lugar que o sujeito ocupa, possibilitando estudá-lo por uma perspectiva teórica, cultural e artística, como, por exemplo, a partir das pinturas, do cinema, das séries e não apenas dos romances literários. Este artigo tem como objeto de investigação a obra do autor George R. R. Martin intitulada *As Crônicas de Gelo e Fogo*, com o objetivo de relacionar o aspecto da maternidade das personagens Cersei Lannister e Catelyn Stark por meio dos conceitos psicanalíticos. Baseia-se na teoria de Freud, que inclui escritores posteriores, como Miller (1996), Laurent (1999) e outros. A discussão traz um pensar a respeito do desenvolvimento infantil mediante o conceito Freudiano, o complexo de Édipo, que se une também ao conceito do complexo de castração e, como, por meio deles, Freud traz as três saídas femininas, além das condições para o surgimento da “mãe suficientemente boa”, conceito de Winnicott. Destacam-se também as relações dos personagens com o primogênito, criando-se uma ponte entre as duas

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (2016). Especialista em Psicanálise. E-mail: luizamedeiros.1992@gmail.com

² Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (2007). Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE (SP) - (2002). Especialista em Psicanálise pela Universidade Católica Dom Bosco - MS (2005). Professora Adjunta na Universidade Federal da Paraíba. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3748-8463>. E-mail: isabelalemos@gmail.com.

mães, percebendo-se aspectos de seu comportamento, ou seja, como suas atitudes desencadearam toda a trama que escolheu os objetos de afeto de seus filhos e, assim, levou ao fim dos personagens.

Palavras-chave: Psicanálise; Literatura; Crônicas de Gelo e Fogo; Maternidade.

Abstract: *Psychoanalysis has contributed to an in-depth study regarding treatment conditions and problematization regarding the place that the subject occupies, making it possible to study it from a theoretical, cultural and artistic perspective, such as, for example, from paintings, cinema, series and not just literary novels. This article's object of investigation is the work by author George R. R. Martin entitled A Song of Ice and Fire, with the aim of relating the aspect of motherhood of the characters Cersei Lannister and Catelyn Stark through psychoanalytic concepts. It is based on Freud's theory, which includes later writers such as Miller (1996), Laurent (1999) and others. The discussion brings about thinking about child development through the Freudian concept, the Oedipus complex, which is also linked to the concept of the castration complex, and how, through them, Freud brings the three female exits, in addition to the conditions for the emergence of the "good enough mother", Winnicott's concept. Also noteworthy are the characters' relationships with their firstborn, creating a bridge between the two mothers, perceiving aspects of their behavior, that is, how their attitudes triggered the entire plot that chose the objects of their children's affection and, thus, led to the end of the characters.*

Keywords: *Psychoanalysis; Literature; A Song of Ice and Fire; Maternity.*

Introdução

A popularidade da obra de George R. R. Martin entre os amantes da literatura e ficção é notória e vem sendo difundida nos mais diferentes meios midiáticos em virtude de sua ascensão na sociedade atual, incluindo o meio acadêmico, para além do contexto literário. Segundo Barthes (1987), refere-se a um texto de prazer aquele que advém de uma cultura que traz satisfação, causa sensação de euforia e, portanto, traz hábitos de leitura prazerosos, levando-nos a pensar na leitura de entretenimento, categorizada como recreativa.

Em seu artigo acerca de Psicanálise e Literatura, Teixeira (2005) trata sobre a formação humanista de Sigmund Freud e a construção de seu caminho teórico, enfatizando o relato clínico, bem como as obras literárias como fundamentais para a construção das proposições metapsicológicas.

De fato, é nesse sentido que a literatura, por seus meios particulares de apreensão do que escapa à lógica da razão, surge como o laboratório no qual Freud se exercita na investigação da psique. Um analista é um leitor atento, que busca o sentido oculto naquilo que lhe é dito. Entendendo isso, Freud (1908) discute a dimensão criativa da escrita, tratando-a como uma possibilidade advinda da atividade do brincar infantil, ou seja, em

sua compreensão, um adulto que renuncia às brincadeiras e às fantasias tenta canalizar essa energia para a criação literária.

Levando em conta que a psicanálise é capaz de proporcionar um estudo aprofundado não apenas dos romances literários, mas também das pinturas, do cinema e das séries, tomamos a obra do autor George R. R. Martin, intitulada “As Crônicas de Gelo e Fogo” como objeto de nossa investigação. Neste sentido, consideramos plausível lançar mão de personagens literários em uma posição de objeto de estudo para relatar os fragmentos das suas narrativas de angústias, dilemas, fantasias e sonhos.

O primeiro volume de As crônicas de Gelo e Fogo, “*The Game of Thrones*”, foi lançado em 1996, nos EUA, isso ocorreu no Brasil somente em 2010, com o título “A Guerra dos Tronos”, que se tornou um grande sucesso de vendas. Esse sucesso se deve também pelo fato de que, em 17 de abril de 2011, o canal de TV a cabo HBO estreou a série *Game of Thrones* baseada no primeiro volume da saga.

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é fazer uma articulação entre as personagens Cersei Lannister e Catelyn Stark, com foco na maternidade e na escolha de um filho dentre os demais, sendo esses Joffrey Baratheon e Robb Stark, respectivamente, como objeto de amor. Para esse fim, trataremos o tema da maternidade à luz da Psicanálise, além de utilizarmos conceitos psicanalíticos, como o Complexo de Édipo, o Complexo de Castração, narcisismo, maternidade fetichizada, objeto *a* entre outros. A articulação entre a literatura e a psicanálise é realizada visto que, em seus escritos e desenvolvimentos de teorias, Freud (1933) utilizou ambas para elucidar conceitos não conhecidos, conclamando aos poetas e escritores.

1 Noções Conceituais a partir da perspectiva psicanalítica

1.1 O Complexo de Édipo

Para realizar uma articulação sobre as personagens escolhidas, à luz da psicanálise, foi necessário compreender alguns conceitos fundamentais da própria teoria psicanalítica. Desse modo, iniciamos nossa jornada pelo conceito que vai orientar a

teoria freudiana, a saber, O Complexo de Édipo³. Sabendo que Freud o instituiu a partir do mito de Édipo, nele, Bulfinch (2006) traz sobre Laio, rei de Tebas, que é advertido por um oráculo que sua vida corria perigo caso seu filho recém-nascido crescesse. Ele, então, entrega a criança a um pastor, ordenando-lhe que a matasse. Porém, levado pela piedade e não querendo desobedecer, amarra a criança a um pé de árvore, que, por sua vez, fora encontrada por um camponês que a leva para seus patrões. O casal resolve adotá-lo, nomeando-o por Édipo.

Muitos anos depois, na estrada que leva a Delfos, Laio se depara com um jovem que atrapalha seu percurso. Recusando-se a obedecer à ordem de se afastar, o servo do rei, a pedidos dele, mata um dos cavalos do jovem, e esse, por consequência, assassina o rei. Trata-se de Édipo, o jovem a quem nos referimos que acabara de se tornar assassino involuntário do próprio pai.

Pouco tempo depois, Tebas se viu afligida pela Esfinge que, com seu enigma, detinha todos os viajantes. Caso esse fosse solucionado, as pessoas teriam suas vidas a salvo. Caso contrário, perderiam. Édipo não se intimidou com o monstro, aceitou o desafio e resolveu o enigma, causando tamanha humilhação na esfinge que ela acabou por se atirar do alto do rochedo. O povo de Tebas, então, como gratidão, fez de Édipo rei, dando-lhe a rainha Jocasta em casamento, o que fez com que ele, sem conhecimento, se casasse com sua própria mãe. O assassinato do pai e o casamento com a mãe ficaram desconhecidos até Tebas ser assolada por uma peste e o oráculo ser consultado novamente, revelando, assim, os crimes. Jocasta, então, comete suicídio e Édipo, horrorizado, fura os próprios olhos e foge de Tebas, sendo abandonado por todos, com exceção de suas filhas, que o seguiram.

Freud, ao descrever a respeito da triangulação pai, mãe e o filho, lança mão do mito de Édipo para metaforizar o que se passa entre as figuras familiares citadas. Portanto, segundo sua teorização, a criança, ao nascer, tem a mãe como primeiro objeto de amor. Entretanto, ao se aproximar do que ele denominou como fase fálica, outro conceito que nos é apresentado em 1923, com “*A Dissolução do Complexo de Édipo*”, a criança, por

³ Importante ressaltar que a teorização Freudiana foi muito influenciada pelos padrões culturais e sociais da época em que vivia e, neste sentido, ele assume uma posição de superioridade masculina em relação ao sexo feminino. Tais pressupostos são fundamentais à psicanálise, contudo podem ser discutidos atualmente em virtude dos diferentes modos de subjetivação. Esta discussão, no entanto, não será levada a cabo no presente trabalho.

volta dos três anos de idade, quando a energia pulsional (de vida) é investida prioritariamente nos genitais como zona erógena, algumas alterações ocorrem em relação à seleção do objeto amoroso.

Freud (1905) aborda sobre a ênfase que é atribuída na supervalorização psíquica do objeto sexual, enquanto alvo da pulsão. A descoberta da diferença sexual anatômica torna-se um acontecimento importante para a entrada no Complexo de Édipo, conforme veremos a seguir, com distinção para cada um dos sexos.

Segundo essa teoria, a mãe é o principal objeto de amor desde a infância. Contudo, a presença do terceiro, ou seja, a figura paterna acarretaria um temor de perder toda a dedicação da figura materna, passando a ser visto como principal rival da criança. Ao entrar na fase de autonomia e compreender que a figura materna não é um objeto de amor, a criança desenvolve seu lado independente e social.

Freud (1933) postula que os dados anatômicos e biológicos seriam insuficientes para definir o que é o masculino e o feminino atribuídos, na cultura, às funções reais e simbólicas inerentes ao homem e à mulher. A descrição freudiana faz equivaler "masculino" a ativo e, "feminino", a passivo, advertindo que podem ser influenciados pelo social.

Serge André (1998) aborda as três consequências trazidas por Freud a respeito das saídas do Complexo de Édipo para o feminino. A primeira consequência seria a inferioridade da mulher, afetando diretamente o narcisismo, desencadeia um sentimento de desprezo pelo sexo feminino, uma vez que esse seria visto como reduzido. A segunda consequência trata-se do desencadeamento do ciúme feminino, no qual outros objetos femininos ganhariam um lugar de relevância em relação ao próprio sujeito, que culminaria na rivalidade feminina. A terceira consequência seria o afrouxamento da ligação terna da mãe enquanto objeto de amor, que passa ser vista como uma figura inferior. Versado que a maternidade não é equivalente à feminilidade, a identificação com a mãe, de um modo geral, é ambivalente.

1.2 O Amor Entre Mãe e Filho

Considerando que nas *Novas Conferências Introdutórias*, Freud (1924) presume que a mãe só se satisfaz plenamente em sua relação com o seu filho de sexo masculino, observando que a ambição da mãe em suprimir a si mesma é transferida para seu filho, a partir de uma espera satisfatória de todos os componentes restantes para um preenchimento biológico e social, compreendendo a situação cultural do início do século XX.

O modo como cada mulher pôde processar o seu encontro com a castração, referência psicanalítica para metaforizar as limitações sociais impostas ao feminino, se atualizará na relação estabelecida com seus filhos. Nesse sentido, se, acaso a mulher não pôde passar por uma resolução do complexo de Édipo e se, tampouco, elaborou o encontro com a castração, corre-se o risco de colocar o filho no lugar de seu objeto perdido, ou seja, o poder que não lhe foi ofertado.

Conforme preconizou Lima (2006), a maternidade pode colocar a mulher em posições extremamente ambivalentes, e vivenciará uma plenitude e, posteriormente, em algumas ocasiões, a relação com o filho pode colocá-la diante de sua condição faltante, ratificando o encontro com a castração. Isso oscilará a depender do momento que um filho chega à vida de uma mulher e a significação que ele tem em sua história, bem como os meios pelos quais ela resolveu ou não suas questões edípicas.

Em sua tese, Lima (2006) pontua que à mulher é atribuída uma quantidade maior de narcisismo, conceito Freudiano de 1910, em que, para o feminino, ser amada é uma necessidade mais forte que amar, e nessa corrente de pensamento ter um filho seria caminhar para um amor objetal, resgatando, então, o que ele caracteriza como narcisismo primário, que é revivido pelos pais com o nascimento dos filhos. Por essa razão, todas as perfeições e expectativas são atribuídas aos filhos. Considerando esses elementos, entende-se que o narcisismo materno será depositado na criança.

Laurent (1999) elucida que a fascinação pela relação mãe-filho encobre o fato de que a criança é um estado de satisfação para a mulher. Farias & Lima (2004) nos acrescentam que cada mulher tem um modo de lidar com a maternidade, seja aceitando, recusando ou buscando-a sem medir esforços. Tais posições se multiplicam e incidem na estrutura da criança, de acordo com o modo que a mãe consegue lidar.

1.3 A Criança Como Objeto de Amor

Miller (1996), retomando um conceito de Winnicott⁴, traz em seu texto “A Criança entre a mulher e a mãe”, que a mãe, ao não ser ‘suficientemente boa’, colocará a criança em uma posição de preencher um vazio narcísico. A mãe só é suficientemente boa se não é em demasia, ou seja, se os cuidados dispensados à criança não a desviam de desejar enquanto mulher. Para a mãe que frustra o seu filho com o vínculo que criou, sinalizando que seus desejos não serão realizados imediatamente, há um período de espera, e mais de um terço das mães entendem isso com mais clareza.

A metáfora paterna, conceito Lacaniano (1969), é responsável pela divisão do desejo, e, caso essa seja levada ao extremo, não sustenta a reverência materna perante a lei do desejo. A mãe esquece que a criança a divide entre suas posições de mãe e de mulher. Na verdade, o objeto criança não apenas preenche, mas também divide. É fundamental, então, que a mãe tenha outros desejos além da criança, em razão de que, se não houver uma divisão, a criança sucumbe como dejetivo do par genitor, ou entra com a mãe em uma relação dual que o alicia, transformando em uma relação simbiótica. Quanto mais a criança preencher sua mãe, mais traz angústia, cuja ausência do desejo é responsável pela angústia desencadeada na mulher, em outras palavras, é aquela que deseja pouco ou mal, enquanto mulher.

Compreendendo que o objeto de criação é uma das dimensões⁵ da pulsão, conceito que Freud (1915) define como um limite entre o somático e o psíquico, representante psíquico dos estímulos originais no corpo, uma estimulação constante que converte o órgão corporal em uma zona erógena que alojará a libido, em outras palavras, o corpo atribuirá como sintoma físico a pulsão que foi recalcada. Em “Nota sobre a criança” (1969), Lacan aborda sobre o sintoma da criança como o que pode responder ao par

⁴ Lobo traz em seu artigo “As Condições do Surgimento da Mãe Suficientemente Boa” (2008), que ao falar sobre a mãe ser “suficientemente boa”, Winnicott traz um reconhecimento e descrição da mãe que fazia bem a seu bebê e sobre relacionamento entre eles como modelo do tratamento psicanalítico. Ao falar sobre “a mãe suficientemente boa”, apenas descreveu o que observou e aprendeu na prática pediátrica e no deslocamento para a clínica psicanalítica da assistência social e coletiva.

⁵ As dimensões da pulsão são responsáveis pelo alcance da satisfação. Elas se dividem em pressão (*drang*) constante, alvo (*ziel*) que é a satisfação, a fonte (*quelle*) que são as zonas erógenas, e o objeto (*objekt*), que permite alcançar a satisfação, sendo o que há de mais variável e contingente. (Freud, 1915)

familiar ou ao objeto do fantasma materno. Ele aponta que a criança tanto pode ser colocada no lugar de substituto fálico para os pais, quanto ser posta no lugar de objeto. Lacan (1969) também afirma que a criança pode realizar a presença de objeto na fantasia materna, o que a deixaria exposta a todas as capturas de veleidade. Ao se tornar o objeto da mãe, não teria outra função senão a de revelar a verdade desse objeto. Ao compreender a criança como objeto, enfatiza-se o lugar que a criança ocupa em relação ao gozo, à satisfação pulsional. A ênfase não é a criança capturada como ideal, mas como objeto do qual se pode gozar.

Lima (2006) acrescenta que a relação entre a mãe e o filho é registrada sob uma ótica pulsional, e não no campo do instinto materno, pois o organismo humano é capturado pelo aparato simbólico, que investirá o sujeito antes de seu nascimento. As necessidades serão inscritas pela linguagem, e o corpo passará a ser pulsional, funcionando não somente de modo biológico. A partir dos conceitos pautados, será realizada uma discussão acerca dos personagens após as histórias das *Crônicas de Gelo e Fogo* serem abordadas, e conseqüentemente, Cersei e Joffrey e Catelyn e Robb.

2 Apresentando a obra: *A Guerra dos Tronos – As Crônicas de Gelo e Fogo*

As *Crônicas de Gelo e Fogo* contam a história dos sete Reinos de Westeros, onde "verões duram décadas e os invernos uma vida inteira" e mostram as violentas lutas dinásticas entre as famílias nobres para ter o controle do Trono de Ferro, um importante objeto que foi forjado das espadas dos reis mortos. Enquanto isso, nas regiões desconhecidas ao norte da Muralha e nos continentes ao leste, ameaças adicionais começam a surgir. Segundo Freud (1913), o sistema totêmico cujos elementos estão presentes na história em questão. O Totem, de onde deriva o termo totemismo, consiste em uma estrutura sagrada que, geralmente, simboliza um animal ou planta sagrada. Nas *Crônicas de Gelo e Fogo*, as famílias são divididas em casas, formando assim os sete reinos. Cada casa possui características específicas e um animal que a represente, o que, a nosso ver, pode ser associado à noção do Totem conforme descrito por Freud.

As principais Casas são as das famílias Stark, Lannister, Baratheon, Targaryen, Martell, Arryn, Tyrell, Tully, Bolton e Greyjoy. Todas as detentoras de um lema,

características individuais e um animal totêmico. Uma breve narração sobre as histórias das personagens Cersei Lannister e seu filho Joffrey Baratheon; e Catelyn e seu filho Robb Stark, serão realizados uma análise para uma melhor compreensão acerca da obra, e, portanto, o desenvolvimento da articulação com os conceitos supracitados.

2.1 Cersei e Joffrey

Cersei é a filha mais velha de Lorde Tywin Lannister e a irmã gêmea de Jaime Lannister. Casou-se com Robert Baratheon e se tornou a rainha dos Sete Reinos. Cersei tem uma relação sexual incestuosa com Jaime, que é secretamente o pai de seus três filhos, Joffrey, Myrcella e Tommen. Obstínada, ambiciosa e com pouco tato político, a rainha gosta de se ver como a verdadeira herdeira de seu pai e fica ofendida quando suas ordens são questionadas. Joffrey, o primogênito de Cersei, cresceu como uma criança mimada e indulgente, com impulsos cruéis e sádicos. Robert, o marido de Cersei nunca questionou a paternidade do garoto, contudo era decepcionado com o 'filho', e guardava pouca afeição para com Joffrey. Em contraste, é sugerido nos livros que Joffrey desejava muito o respeito e aprovação de Robert, e muitos de seus atos foram realizados num esforço para tentar atender às expectativas de seu 'pai'.

A rainha se mostra extremamente insatisfeita com o noivado de Joffrey, visto que não gosta da noiva de seu filho, nutrindo ciúmes devido à beleza de Margaery e pelo fato de que não será mais a principal mulher da vida de Joffrey, que sempre esteve à mercê da vontade a mãe, inclusive tendo muitas de suas características. Em seu casamento com Margaery Tyrell, Joffrey é assassinado por beber vinho envenenado. Seu gesto final foi apontar em direção ao seu tio, Tyrion Lannister. Após a sua morte, Cersei Lannister prende o irmão em razão do regicídio. A rainha então procura consolo na vingança da morte de seu filho, procurando artifícios para punir seu irmão Tyrion, ao mesmo tempo em que começa a criar um laço maior com seu filho Tommen.

2.2 Catelyn e Robb

Catelyn Tully é esposa do Lorde Eddard Stark, lorde supremo do Norte, e se tornou Senhora de Winterfell. Juntos, tiveram cinco filhos: Robb, Sansa, Arya, Bran e Rickon. Catelyn é orgulhosa, forte, gentil e generosa, sendo vista como honrada e justa por muitos, considerando o senso de dever como um princípio de comportamento. Robb Stark, primogênito de Catelyn e Eddard com 14 anos é eleito o herdeiro de Winterfell. Robb sempre se deu bem com seus irmãos mais novos Sansa, Arya, Bran e Rickon. Tem Jon Snow como meio-irmão e adotou um lobo gigante chamado Vento Cinza, um companheiro inigualável e uma fera temível no campo de batalha. Após a prisão de Eddard por alta traição, quando Cersei Lannister se torna rainha regente após a morte inesperada de Robert, Catelyn então se junta a seu filho Robb Stark para lutar pela liberdade de Eddard, que é executado por ordem do Rei Joffrey Baratheon. Com a morte do pai, foi nomeado “Rei do Norte e Rei do Tridente” por seus seguidores.

No conflito resultante Robb se mostra um comandante de batalha adepto, garantindo várias vitórias notáveis capturando Jaime Lannister. No entanto, ele é um político ingênuo e inexperiente, colocando conduta honrosa sobre preocupações práticas e comete uma série de erros cruciais. Ele quebra um juramento para se casar com a filha de seu aliado Walder Frey, preferindo casar com Talisa Maegyr. Porém, sem o conhecimento de Robb, Walder Frey e seu vassalo, Roose Bolton haviam feito uma aliança com Tywin Lannister e o traiu. Na festa de casamento, apesar de invocarem os direitos de hóspedes⁶, a Casa Frey junto com a Casa Bolton se rebelam contra os Starks, logo, Robb, sua mulher, Catelyn, Vento Cinza e a maioria do seu exército são massacrados enquanto desprevenidos em um evento que se torna conhecido como o “Casamento Vermelho”. Isso efetivamente termina a rebelião do Norte e os Starks são destituídos de sua autoridade ancestral na região nortenha.

⁶ O direito de hóspedes é a única regra respeitada em toda Westeros. Consiste em famílias, mesmo que inimigas, receberem as demais em seu território e prestar hospitalidade, não ameaçando a família visitante e sendo cordial. A Família Frey após a quebra do direito de hóspedes cai em desgraça, tendo os próprios Lannisters se voltado contra a mesma para não ser mal vista.

3 Discussão: Sobre os personagens – entre leões e lobos

As mães, nas obras literárias, correspondem ao padrão materno que a sociedade considera como correto, ou seja, mães dotadas de afeto, amorosidade e compaixão. De antemão, temos como grande exemplo a Virgem Maria, que é um grande pilar para a bíblia e os cristãos. Contudo, é importante lembrar que a mãe nem sempre constitui esse espaço, com ressalva de algumas obras literárias. As figuras de Cersei Lannister e Catelyn Stark, mesmo sendo antagônicas, possuem uma estrutura semelhante, que é a fetichização da maternidade, ou seja, o mesmo que objeto de crianças, tornando-as os filhos eleitos. A superproteção, a projeção narcísica, e um amor tendencial e devotado, a fim de trazer segurança para suas crianças, que, por fim, se torna crucial para o desfecho trágico das personagens.

Os Lannisters são senhores do Sul, o segundo maior reino e o mais populoso, possuindo diversas cidades, a principal é Ponta Tempestade. Seus membros são extravagantes e ambiciosos, com cabelos dourados e olhos verdes, levando tudo ao dinheiro sempre que possível. Nobres, são extremamente preocupados. É importante lembrar que a relação entre Cersei e Joffrey não é incestuosa no real, contudo, a criança se sobrepõe a todas as vontades da rainha e qualquer atitude que ameace, ou seja, contrária aos caprichos da criança, são tomadas como atos criminosos, que devem ser severamente punidos, alimentando cada vez mais o comportamento sádico de Joffrey, que mostra afeto para com a mãe, mas é ciente de que está acima dela, uma vez que é detentor não somente do falo, mas também do trono de ferro. Joffrey tem sua personalidade estruturada a partir da relação estabelecida com sua mãe, uma vez que seu pai Robert é ausente na criação do suposto filho, não fazendo operar a metáfora paterna.

Além disso, a família Lannister dá indícios de que a lei não é bem estruturada e exercida entre os seus membros, e tal afirmação pode ser evidenciada na relação incestuosa dos pais de Joffrey. Os segredos e não ditos da família Lannister trazem efeitos na estruturação subjetiva de seus membros (vale lembrar que Joffrey não sabe a respeito do seu verdadeiro pai, crendo que Robert é, de fato, seu pai.). Não é por acaso que Joffrey funciona a partir do mecanismo típico da estrutura perversa. Também, compreende-se que Joffrey faz sua passagem pelo Édipo permanecendo ligado amorosamente a sua mãe

sem que a função paterna pudesse operar devidamente. Não há nada que se imponha entre Cersei e Joffrey para fazer barreira ao gozo fálico entre mãe e filho.

Considerando o que Freud (1913) trata acerca do pai totêmico⁷, há uma transformação do pai devastador primitivo para o pai simbólico que dita os códigos da Lei moral e que funciona como aquele que reforça as exigências do supereu, através do cumprimento dos mandamentos e das regras sociais. Na família Lannister, tais códigos não são preservados, contudo entre os Starks verifica-se a presença de uma lei que funciona apropriadamente. Na família Stark, todas as leis são respeitadas e cumpridas, e Eddard consegue passar o tocante aspecto para seus filhos. Robb cresce presenciando um relacionamento saudável e romântico entre seus pais e toma seu genitor como fonte de inspiração, integridade e honestidade. Seu senso de justiça durante a batalha desencadeou sua derrota.

No tocante à relação entre Catelyn e Robb, desde o princípio, a premissa do primogênito como filho predileto se faz evidente. Robb é o filho gerado nas núpcias e com o qual a mãe espera a volta do marido no retorno da guerra. Catelyn aos olhos do leitor lidou com suas questões através da maternidade, onde mesmo demonstrando amor e dedicação pelo filho Catelyn não objetifica o filho o fazendo objeto de desejo. Já Cersei, ao desejar o trono para si e, posteriormente, para seu filho implica em buscar um lugar para si, nem que seja através da projeção narcísica que faz através do seu filho Joffrey. Contudo, nem todo o amor que Cersei pensa ter para com o filho foi capaz de livrá-lo de uma morte por envenenamento, uma arma que ela própria utiliza para com seus inimigos.

Conforme propôs Lobo (2008), as mães devem administrar dentro de si um trinômio, com inter-relações complexas, formado pelas figuras de mãe, mulher e filha. A “mãe suficientemente boa” não dissocia os registros do sexual e do maternal, reconhece a própria ambivalência e identifica seu amor e sua raiva, sem nada fazer a respeito. Apenas a comporta e a tolera, reconhecendo o equívoco como essencial à existência humana.

⁷ Pai dos primeiros clãs, que expulsava os filhos quando chegavam à idade adulta, e estes se reuniam e retornavam à horda para matar e devorar o pai, em busca do gozo interdito pelo mesmo, desencadeando em angústia e finalizando a horda patriarcal. Ao devorá-lo, os filhos se identificam com o pai primitivo para adquirir sua força. O sentimento de culpa que poderia advir desse ato é aliviado porque todos do clã participam do banquete totêmico. Porém não há sucesso na organização da sociedade, devido ao remorso, sentimento de afeição recalçado, da ambivalência amor-ódio em relação ao pai. Como tentativa de solução, os filhos instituem novas leis, como a proibição do ato criminoso através da proibição da morte do totem como substituto do pai. (Freud, 1913 p.145)

Grando (2012) ressalta que cabe reafirmar que a família embora conviva em eternas mudanças, necessita ter um ambiente afetivo para a solidificação saudável da personalidade de seus filhos, sendo importante a qualidade disponível desse tempo para com seus rebentos. Catelyn e Robb sempre foram amparados por Eddard enquanto vivo e a posteriori, com sua morte, Robb assume a posição de Senhor do Norte. Catelyn diante do seu lugar como mulher e mãe parece lidar com as questões condizentes ao feminino, o que a deixa mais livre para o exercício de sua maternidade.

Em contrapartida, a família Lannister, que não possui os laços afetivos dos Starks, possui uma vivência árdua, com restrições advindas do pai de Cersei, dotado de uma personalidade fria. Além disso, Cersei perde sua mãe muito cedo e, provavelmente duas perguntas que a ele seriam destinadas, a saber: “O que é ser uma mulher? O que é ser mãe?” ficam caladas e silenciadas em seu interior, promovendo uma confusão entre esses papéis. As dificuldades de Cersei também retornam no encontro com sua nora, outra mulher que entra na vida de Joffrey ameaçando, na perspectiva dela, o amor entre mãe e filho e o seu lugar de exclusividade frente o amor do filho.

Conclusão

De uma grande complexidade, a obra de George R.R. Martin oferece um mundo novo aos leitores, onde os personagens da ficção, por sinal, demasiadamente humanos, apresentam com riqueza características reconhecidas em nosso mundo real. Freud recorre à literatura e a poesia para tratar da temática da feminilidade, pois em sua obra ela permanece inacabada e enigmática, demandando sempre novos estudos e desenvolvimentos. Sampaio (2002) traz que a narrativa da literatura é uma interpretação da existência, que possibilita destinações para o que no sujeito é incompreendido, e a psicanálise em sua constituição encontrou-se com o legado da tradição literária.

Articular as personagens escolhidas aos conceitos psicanalíticos convocou um olhar crítico a respeito da relação mãe e filho, especificamente, principalmente no tocante aos estereótipos que convivemos socialmente a respeito do que significa maternidade e como a mulher está impelida em gerar filhos mesmo que esse não seja o desejo inicial delas.

Considerando que a maternidade é, em suma, uma nova fase para a mulher, que precisa lidar com um desafio desconhecido, apesar de todas as imposições e leituras que podem ser realizadas, uma vez que é necessário abordar por um viés subjetivo considerando as diferentes vivências e histórias. A possibilidade de analisar, dentre todas as camadas disponíveis, a maternidade das personagens fictícias amadas e odiadas por milhares de fãs advindas das obras de Martin, visando o contexto narrativo, ambiente da história e a adaptação dos livros para a série, trouxe uma maior complexidade para Cersei e Catelyn considerando que apesar de tão distintas, encontram-se unidas nos seus aspectos de maternidade, desejo, luto e figuras de poder diante de um contexto medieval cuja predominância é masculina.

Referências

- ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Tradução, Dulce Duque Estrada. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 1987.
- BECKEL, Gilcia G. **Literatura e Psicanálise: Qual a relação?** Escola Lacaniana da Bahia. BA. 2006. Disponível em <<http://www.elba-br.org/elb-publicacoes/pdf/literatura-psicanalise.pdf>> Acesso em 05 de maio de 2016.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**; tradução David Jardim. Rio de Janeiro: 34ª Ed, Ediouro, 2006.
- FARIAS, Cynthia; LIMA, Glaucineia. **A relação mãe criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica**. Estilos clín., São Paulo, v. 9, n. 16, p. 12-27, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 de maio de 2016.
- FREUD, Sigmund. (1913) **Totem e Tabu e Outros Trabalhos**. Vol.13 da Edição standard brasileira das obras completas Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. (1908 [1907]) **Escritores criativos e devaneio**. Vol.9 da Edição standard brasileira das obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. (1933) **Novas conferências introdutórias**. Vol.22 da Edição standard brasileira das obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. (1915) **Pulsões e destinos das pulsões** Vol. da Edição standard brasileira das obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund (1905) **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GRANDO, Marina S. et al. **Mãe suficientemente boa na contemporaneidade: Uma re (re) leitura Winnicottiana**. IX Anped Sul. Seminário de pesquisa em educação da Região Sul. 2012.
- LACAN, Jacques. (1969). **Nota sobre a criança**. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. P. 369-370; 2003.
- LAURENT, Eric. **Posições femininas do ser**. In: *Agente* n. 13, Bahia nov. 1999.
- LIMA, Glaucineia Gomes de. **Da mãe a mulher: Os circuitos do amor, desejo e gozo**. Glaucineia Gomes de Lima; orientadora Walkíria Grant. São Paulo, 2006.

- LOBO, Silvia. **As condições de surgimento da “Mãe Suficientemente Boa”**. Rev. bras. Psicanálise [online]. Vol. 42, n.4, pp. 67-74. ISSN 0486-641X; 2008.
- MARTIN, George R. R. (2000) **As Crônicas de Gelo e Fogo: A Fúria dos Reis**; tradução: Jorge Candeias. Leya, 2011.
- MARTIN, George R. R. (1996) **As Crônicas de Gelo e Fogo: A Guerra dos Tronos**; tradução: Jorge Candeias. Leya, 2010.
- MARTIN, George R. R. (2005) **As Crônicas de Gelo e Fogo: O Festim dos Corvos**; tradução: Jorge Candeias. Leya, 2012.
- MARTIN, George R. R. (2000) **As Crônicas de Gelo e Fogo: O Tormento das Espadas**; tradução: Jorge Candeias. Leya, 2011.
- MARTIN, George R. R. **Por Dentro da Série HBO Game of Thrones**. 1ª Ed. Leya 2013.
- MILLER, Jacques-Alain. (1996) **A Criança entre a mulher e a mãe**. Opção Lacaniana online nova série Ano 5. Número 15. Novembro 2014.
- NÁSIO, J. D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa** / J.-D. Nasio; tradução, André Telles. — Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1998.
- SAMPAIO, Camila. P. **Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação** / Giovanna Bartucci (org.) – Rio de Janeiro: Imago, ed. p. 153 a 177; 2002.
- TEIXEIRA, Leônia C. **O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud**. Psyche (Sao Paulo). V.9. N.16. São Paulo, dez. 2005.